



**HAL**  
open science

# A Abadia de Lerins e a família de Grasse: relações entre monasticismo e aristocracia provençais do final do século X ao século XII

Eliana Magnani

► **To cite this version:**

Eliana Magnani. A Abadia de Lerins e a família de Grasse: relações entre monasticismo e aristocracia provençais do final do século X ao século XII. *Revista Brasileira de História*, 1991, 11 (22), pp.183-196. halshs-01851531

**HAL Id: halshs-01851531**

**<https://shs.hal.science/halshs-01851531>**

Submitted on 30 Jul 2018

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial - ShareAlike 4.0 International License

**Eliana MAGNANI, «A Abadia de Lerins e a família de Grasse : relações entre monasticismo e aristocracia provençais do final do século X ao século XII», *Revista Brasileira de História*, vol. 11, n° 22, 1991, p. 183-196.**

### **Resumo**

Através de uma pesquisa de fontes primárias a autora examina um objeto bem específico, que ilumina o amplo quadro das relações sociais na Provença medieval. A análise do detalhamento factual mostra toda a complexidade de um universo social contraditório : nesse, em busca de terras, homens e rendas a serem explorados, Igreja e aristocracia são, ao mesmo tempo, opositoras e cúmplices.

### **Abstract**

Through research in primary sources, this article focuses on a specific object in order to shed light on the wider spectrum of social relations in medieval Provence. The examination of events in detail bares the complexity of a contradictory social universe: Church and aristocracy, in search of lands, men and income to be exploited, proved to be simultaneously opponents and accomplices.

### **A Abadia de Lerins e a familia de Grasse: relações entre monasticismo e aristocracia provençais do final do século X ao século XII.<sup>1</sup>**

Quando Rodoardo recebeu metade do *episcopatus* de Antibes do conde de Arles, estava certamente, sendo recompensado por serviços prestados durante as campanhas armadas que o conde deflagrara contra os invasores sarracenos, que ha quase um século haviam se instalado na Provença Oriental.

Este episódio, a expulsão dos sarracenos entre 972-975, parece marcar uma transformação importante na historia provençal. Na realidade ele é consequência da estabilização do poder na região. Durante quase um século, lutas internas haviam monopolizado as armas e os espíritos provençais, deixando caminho livre à invasão dos sarracenos e a sua instalação na parte leste da Provença, a partir do Freinet. Enquanto isto, as velhas famílias senhoriais de origem galo-romana lutavam para se manter no poder, contra os grupos vindos da Borgonha, junto com Boson, o rei

---

<sup>1</sup>As fontes citadas neste estudo aparecem sob as seguintes abreviações:

AEA = DOUBLET, G., *Recueil des actes concernant les évêques d'Antibes*, Monaco, Paris, 1915

CL = *Cartulaire de l'abbaye de Lérins*, par H. MORIS et E. BLANC, Paris, 1883 et 1905, vol. 1

CSP = *Chartrier de l'abbaye de Saint-Pons-hors-les-murs de Nice*, par E. CAIS DE PIERLAS, Monaco, 1903

CSV = *Cartulaire de l'abbaye de Saint-Victor de Marseille*, par B. GUERARD, Paris, 1857, 2 vol.

GCNN = ALBANES, C. H., CHEVALIER, U., *Gallia Christiana Novissima*, Montbéliard, Valence, 1899, 7 vol.

usurpador da Provença em 879 e Hugues de Arles, no início do século X<sup>2</sup>.

Estas perturbações atingem profundamente a Provença. A quase total ausência de qualquer tipo de documentação datando deste período, testemunha o grau de dissolução político-social que os conflitos engendraram. Os primeiros sinais de reorganização datam da metade do século X. O "partido borguinhão" e seus aliados, na expressão de J. P. Poly, acaba impondo-se em detrimento das antigas famílias galo-romanas. Um conde, Boson, instala-se em Arles, mas são seus filhos Raimbaldo e principalmente Guilherme I, que conseguirão conter a efervescência senhorial, reforçando a autoridade condal. Somente então, será possível reunir todas as forças provençais contra o inimigo infiel, que causara imensa indignação ao raptar o abade de Cluny, Maieul em 972<sup>3</sup>. Assim, a guerra contra os sarracenos é feita quando haviam se resolvido as lutas internas. A vitória contra os infieis consagrou a unidade e o poder condal sobretudo na pessoa do conde Guilherme I, desde então denominado: o Libertador. Ele recebeu como alodio, do rei Conrado da Borgonha, do qual dependia o condado da Provença, o fisco real sobre as terras conquistadas<sup>4</sup>. Senhor da Provença, o conde Guilherme dispõe destas terras e recompensa seus fiéis.

A Rodoardo, simples cavaleiro na corte do conde, cabe metade do *episcopatus* de Antibes<sup>5</sup>. Como toda parte oriental da Provença, o bispado de Antibes vivera durante muito tempo sem senhor. A última notícia de um bispo na diocese data de 660. Com a reconquista da região os bens da Igreja de Antibes passaram sob o controle do conde, que cedera a metade a Rodoardo e algum tempo depois, a outra metade ao filho mais velho deste, Gaucerano.

A utilização de bens da Igreja por parte dos poderes laicos para recompensar vassalos, sempre foi uma prática comum durante a Idade Média. Talvez por uma questão de moralidade, o bispado de Antibes foi restabelecido e seu bispo Bernardo prestava obediência ao metropolitano de Arles em 987<sup>6</sup> e em 1004 participava como testemunha da eleição do abade de São Pons de Nice<sup>7</sup>.

Não deixa de ser paradoxal a presença de Rodoardo e Gaucerano, atuais senhores dos bens da Igreja de Antibes, ao lado do bispo de Antibes, legítimo senhor desses bens. Assim que foi possível, o cargo episcopal foi ocupado por um membro da família de Rodoardo, Adalberto I, filho de Gaucerano. Desta maneira a diocese passava completamente sob o controle da família evitando-se possíveis conflitos com a autoridade eclesiástica. Até o final do século XI, será um membro da família que ocupara o cargo episcopal. Distantes do poder condal fixado em Arles, a família de Rodoardo se impõe como senhor absoluto em Antibes, desde o final do século X. Ela passa a designar-se pelo nome de seu principal domínio: Grasse.

<sup>2</sup>POLY, J. P., *La Provence et la société féodale, 879-1166*, Paris, 1976, p. 13-29, 39-55.

<sup>3</sup>AMARGIER, P. A., "La capture de Maieul de Cluny et l'expulsion des Sarrasins de Provence", *Revue bénédictine*, 1963, t. 73, p. 316-323.

<sup>4</sup>Como nos mostra o célebre documento de São Vitor de Marselha, o *Breve de Cathedra* (CSV n° 77). Cf. AMARGIER, P. A., "Un épisode de justice à la Cadière (Var) à la fin du Xe siècle", *Provence historique*, t. XXVIII, fasc. 144, 1978, p. 295-304.

<sup>5</sup>CL n° CXXXII

<sup>6</sup>GCNN, Arles, n° 288

<sup>7</sup>CSP n° II

Mas se os Grasse conseguiram dominar sem grandes dificuldades a Igreja secular, eles não puderam impedir que uma antiga instituição monástica da região se restaurasse. Trata-se da abadia de Santo Honorato de Lerins, situada em uma ilha do Mediterrâneo, nas proximidades de Cannes<sup>8</sup>. Um outro signo da reorganização provençal é, com efeito, o renascimento monástico verificado desde a segunda metade do século X. Vários mosteiros cujo funcionamento havia sido interrompido ou dificultado pelas perturbações internas, foram restaurados e novas comunidades foram fundadas. São Vitor de Marselha foi reformado em 977, São Pons de Nice em 999. Montmajour foi fundado em 951, Santo André de Villeneuve em 986, os priorados clunisianos de Ganagobie em 964, de Sarrians em 993, de Rosans em 988<sup>9</sup>.

A restauração de Lerins parece mais tardia, e faz parte, sem dúvida, da política de implantação clunisiana na Provença, desenvolvida pelo abade de Cluny Maieul, graças às suas importantes relações na região. Este abade em 978 pede ao papa Benedito VII e recebe a *insulam Lerinensem cum Arluco monasterio e omnibus pertinentibus eadem loca*<sup>10</sup>. Maieul pedindo ao papa a tutela sobre Lerins lembrava que a ilha era um patrimônio da Igreja regular, e tentava preservá-la da cobiça dos laicos. Entretanto este documento, durante muitos anos, permaneceu sem efeito. Somente a partir de 1022, quando o abade Odilon de Cluny passa por Lerins, é que o mosteiro parece ter sido realmente restaurado. Antes disso, assim como fizera com os bens do bispado de Antibes, a família de Grasse parece ter se apoderado dos bens do antigo mosteiro.

O exemplo de Arluc é contundente. Situado numa planície próxima do mar Mediterrâneo, nas margens do rio Siagne, fora fundado um mosteiro de mulheres no início do século VII, por Nazario, abade de Lerins e restaurado no fim deste mesmo século pelo abade Aigulfo e pela abadessa Angarisma<sup>11</sup>. No final do século X, na carta do papa Benedito VII é mencionada ainda a existência de um mosteiro em Arluc (*Arluco monasterio*), associado com a ilha de Lerins (*insulam Lerinensem*), que alguns historiadores interpretaram como indicio de que os monges que habitavam a ilha de Lerins, por questões de segurança, abandonaram-na, vindo se instalar na antiga possessão do mosteiro, Arluc.

Mas, no início do século XI o domínio de Arluc, assim como o domínio vizinho de Avinionet, pertenciam à família de Grasse. Sem dúvida, os bens dos monges de Lerins que habitavam Arluc foram açambarcados pelos recém-chegados senhores de Antibes. O filho mais novo de Rodoardo, Guilherme Grueta esclarece anos mais tarde, em uma carta de doação, que a quarta parte de Avinionet e o manso em Arluc que ele estava cedendo a Lerins lhe coubera pela sua

<sup>8</sup>Cf. sobre as origens de Lerins e seus primeiros séculos de existência as obras clássicas de BARRALIS, V, *Chronologia sanctorum et aliarum virorum ac abbatum sacrae insulae lerinensis*, Lyon, 1613; ALLIEZ (abbé), *Histoire du monastère de Lerins*, Paris, 1862, 2 vol.; e MORIS, H., *L'abbaye de Lerins. Histoire et monuments*, Paris, 1909.

<sup>9</sup>Cf. MAGNANI SOARES, E., *Le renouveau monastique en Provence, 950-1050. L'expansion de Cluny, Montmajour et de Saint-Victor de Marseille*, mémoire de maîtrise, Aix-en-Provence, 1989.

<sup>10</sup>PL, t. 137, col. 332

<sup>11</sup>HILDESHEIMER, E., "Cannes et Arluc révélés par les textes les plus anciens", *Annales de la société scientifique et littéraire de Cannes*, t. 16, 1962-1963, p. 27-36; DURBEC, J. A., "Cannes au Moyen Age", *ibid.*, t. 26, 1974.

participação na guerra em nome do santo abade de Cluny, Maieul<sup>12</sup>. Ou seja, a guerra contra os invasores sarracenos da qual participaram também seu pai Rodoardo e seu irmão Gaucerano.

Uma recompensa de guerra ou simplesmente uma usurpação justificada pela retórica monástica no momento de recuperar uma antiga possessão, é evidente que Arluc estivera durante muito tempo sob a tutela da família de Grasse. Alias, este proceder é bastante comum na Provença no final do século X e no início do século XI: famílias de origem modesta, em vias de ascensão, procuram se apoderar de antigos mosteiros ou fundar novos. A "proteção" dada a um mosteiro é usada como justificativa de um poder recente. E, por outro lado, uma maneira ambígua de estar servindo a Deus e ao mesmo tempo usufruir do patrimônio da Igreja regular. Mas estes laços com os detentores do sagrado, embora dúbios aos nossos olhos, é o que torna estas famílias dignas de um status alcançado por acaso. Sobretudo diante de seus pares mais importantes e poderosos, e de uma clientela que precisa ser conquistada, para os quais a possibilidade da Salvação eterna, representada pela Igreja e seus servidores, é um valor fundamental.

Embora a dominação da família de Grasse sobre Arluc possa significar uma forma de legitimação de poder, ela representa antes de tudo um acréscimo deste poder: terras, homens, rendas a serem explorados. Por outro lado, nada além da menção na carta de Benedito VII prova que Arluc, no fim do século X fosse habitado pelos monges de Lerins. E certo porém, que o patrimônio desta abadia na diocese de Antibes, estava sob o controle da família de Grasse.

A análise dos documentos reunidos no Cartulário da abadia de Lerins atesta o contato entre o mosteiro e a família de Grasse. Entre eles se estabelecem relações ora de cortesia ora de conflito, que revelam um universo social contraditório, dividido entre o Céu e a Terra.

A restauração de Lerins depois da passagem de Odilon de Cluny pelo mosteiro em 1022, insere novos dados na estrutura de poder da diocese de Antibes. Odilon trouxera o prestígio e a autoridade necessários para que o mosteiro fosse reconhecido como um intermediário eficaz entre os homens e Deus. Pois o principal papel social dos mosteiros era o de reunir no seu silêncio homens que vivessem para Deus, imitando o Cristo, e que orassem pelo perdão dos pecados e pela Salvação eterna. Os mosteiros monopolizavam a comunicação com a divindade. Para se ter acesso às preces dos monges e garantir a salvação da alma, costumava-se atribuir dons aos mosteiros. A doação pia, tão comum na Idade Média, era uma doação a Deus, por intermediário dos monges, em troca de um lugar na Jerusalem celeste. Os grandes benfeitores dos mosteiros se aproximavam mais desta graça, gozando desta forma de maior prestígio social. A doação deixa de ter um sentido puramente espiritual e começa a fazer parte de uma ética de conduta social, indispensável nos meios aristocráticos. No sentido prático, ela representa, o abandono de uma parte do poder inerente ao controle de certos bens.

Os mosteiros, por seu lado, enriquecem. Tornam-se grandes senhores feudais, participam da vida econômica e política, ganham poder. E isto favorece a expansão de sua obra espiritual. No entanto, convertem-se em rivais da aristocracia, alvos da cobiça e da violência senhoriais. Sem

---

<sup>12</sup>CL, n° III e LXXIII

possuir uma defesa armada organizada, os bens dos mosteiros são uma presa fácil para os usurpadores. A arma dos monges é a ameaça do castigo de Deus. O caráter ambíguo dos mosteiros, voltados para o Céu, mas solidamente enraizados sobre a terra permite que muitos senhores se transformem de benfeitores em agressores com a mesma naturalidade com que os monges jejuam e contam suas rendas.

São estas contradições que marcam a trajetória de mais de um século de relações entre a família de Grasse e o mosteiro de Santo Honorato de Lerins.

Antes de 1022, a família de Grasse parece ignorar a existência da abadia de Lerins e não participa de nenhuma maneira da sua restauração. Esta ausência revela a consciência de que a restauração de Lerins se faria na diocese de Antibes às custas das possessões dos Grasse, elas mesmas uma usurpação de bens da Igreja. A ação de Rodoardo, primeiro senhor de Antibes é desconhecida. Com a sua morte, seu filho mais velho, Gaucerano torna-se o grande senhor da região. Casado com Belilde de Salernes, ele teve dois filhos, Guilherme Gaucerano e Adalberto. A devoção de Belilde de Salernes pela abadia da São Vitor de Marselha e o grande prestígio de que desfrutava este mosteiro no início do século XI explicariam as doações do casal<sup>13</sup> e mais tarde a de seus filhos ao mosteiro marselhês<sup>14</sup>.

Se o contato entre a abadia de Lerins e Gaucerano parece inexistente, ou pelo menos, encoberto pela preferência por São Vitor, seu irmão caçula, Guilherme Grueta estabelece ligações estreitas com Lerins, a ponto de abandonar as armas para viver sob a regra beneditina em Lerins<sup>15</sup>. No momento de sua *conversio*, Guilherme Grueta deve ter uma idade avançada e como monge espera obter a rendição de uma vida inteira de pecados. Acompanhado de seu filho, Pedro de Opio, seu herdeiro natural, em diferentes ocasiões ele oferece uma série de bens ao mosteiro, situados na diocese de Antibes<sup>16</sup> em Revest, Loubet, Cannes, Arluc e em Avinionet, na diocese de Frejus<sup>17</sup>. A doação de Arluc, que como vimos fora uma antiga possessão de Lerins, revela o caráter de restituição que se esconde por detrás de muitas doações.

O abade que recebe Guilherme Grueta em Lerins é Garnério, provavelmente deixado na direção da abadia por Odilon de Cluny, após 1022. E durante o abadado de Garnério que Lerins recebe as primeiras doações importantes na Provença, e que o mosteiro inicia sua expansão. A *conversio* de Guilherme Grueta se insere no contexto dos primeiros anos da restauração leriniana que coincide com a conquista da sede episcopal de Antibes pela família de Grasse no segundo quarto do século XI. E o auge do poder da família de Grasse. Com razão Belilde, esposa de

<sup>13</sup>CSV n° 309, 310, 503, 496.

<sup>14</sup>AEA n° XX

<sup>15</sup>CL n° LXXIII e III: ...*Quam ego Guillelmus jussionis adimplere cupiens, relictis omnibus quod seculi sunt, soli Deo ammodo militaturus ac secundum regulam sancti Benedicti jam victurus, apud Lyrinense monasterium sub abbate Garnerio, milicie deponens cingulum ordinem assumo, Deo favente monasticum...*

<sup>16</sup>CL n° L, CXXXIX, LXXIII e III

<sup>17</sup>Cf. sobre esta possessão FIXOT, M.(dir.), *Le site de Notre-Dame d'Avinionet à Mandelieu*, Paris, 1990

Gaucerano, se diz mãe dos dois *principes* de Antibes, um deles é bispo, Adalberto I, o outro *miles*, Guilherme Gaucerano<sup>18</sup>. Juntos os dois irmãos controlavam a região.

Lerins, apesar de ser uma abadia imunista, dependia da benevolência dos senhores de Antibes para se implantar na diocese. E durante o episcopado de Adalberto I que a abadia recebe suas principais possessões na região. O bispo, agindo em nome da família, é o principal benfeitor de Lerins em Antibes. Casado, pai de dois filhos, Adalberto I deve ter encontrado em Lerins uma forma de se fazer perdoar a simonia que lhe fizera bispo. Entre 1033 e 1062, conta-se nove atas de doação em que o bispo foi o doador. Os dons que oferece pertencem ou à sua herança pessoal ou ao seu bispado: *de rebus meis et ecclesiis episcopatus mei*<sup>19</sup>. Os bens que possuía por herança faziam parte do vasto patrimônio de sua família. Por isso varias atas do bispo são assinadas por seu irmão, Guilherme Gaucerano, que dava assim seu consentimento e validava as ações do bispo<sup>20</sup>. Toda iniciativa tomada por um membro da família tornava-se um ato coletivo, pois se colocava em jogo interesses da linhagem e de seus vassallos. Os fiéis da família, e os cônegos da Igreja de Antibes são chamados a decidir sobre as doações junto com seus senhores<sup>21</sup>.

Por outro lado, Lerins deve munir-se de uma autorização para poder receber eventuais doações dos fiéis da família de Grasse. A carta que o bispo Adalberto I, Guilherme Gaucerano e sua mulher Fida redigem para o abade Adalberto<sup>22</sup> e seus monges, diz que: "se algum de nossos homens, filho, filha ou herdeiro, cavaleiro ou camponês, quiser doar algo de sua propria honra a este mosteiro, o abade e os monges, sem nenhuma contradição, receberão e possuirão eternamente"<sup>23</sup>. Desta forma, os senhores de Grasse garantiam ao mosteiro que não interfeririam na posse dos bens doados por outros. Eles se associavam de uma certa maneira a toda doação feita por seus fiéis, autorizando uns a dar e os outros a receber. Mas sobretudo eles salientavam que dentro dos limites da diocese, eles detinham o poder. O mosteiro de Lerins tendo que se conformar com esta situação. No entanto o mosteiro guardava sua diferença, pois possuía as chaves para a Salvação das almas dos senhores de Grasse.

Aparentemente não existiu uma politica predeterminada dos senhores de Grasse em relação ao mosteiro. As doações parecem espontâneas mas certamente muitas foram fruto de negociações da parte dos abades de Lerins, como o exemplo da igreja de São Miguel de Antibes. Ao doar em 1028 esta igreja a Lerins, o bispo lembra que ela dependia, antigamente da abadia e que fora usurpada<sup>24</sup>. Foi provavelmente Gaucerano, pai do bispo, quem se apossara do santuário pois

<sup>18</sup>CL n° CXIII: *...ego Belieldis, genitrix duorum Antipoliane regni principum e quibus alter presul alterque miles noscuntur...*

<sup>19</sup>CL n° CXXXI

<sup>20</sup>CL n° CXII, CII, CXXXI, CXLIV

<sup>21</sup>CL n° CIII: *... cum consilio venerandorum canonicorum uel bonorum laicorum...*; n° CXXX, CXII, CII.

<sup>22</sup>Durante o século XI, encontramos na diocese de Antibes quatro personagens diferentes chamados Adalberto. Trata-se de dois bispos de Antibes, Adalberto I (1022-1062) e Adalberto II (1093), e de dois abades de Lerins, Adalberto I (1038-1064) e Adalberto II (1067-1102).

<sup>23</sup>CL n° LXXIV e XCIX

<sup>24</sup>CL n° CXLI: *...Ego Aldebertus, divina gratia Antipolitanus episcopus, recordatus ecclesiam*

em 1022 ele dá à igreja o terreno que a circunda, uma vinha e um moinho<sup>25</sup>. Os religiosos devem ter se queixado junto ao bispo para que ele tenha tomado a iniciativa de restituí-la.

As consequências da generosidade dos senhores de Grasse em relação a Lerins durante os anos do bispado de Adalberto I, foram sentidas pela linhagem nas gerações seguintes. No que diz respeito ao mosteiro, eles marcaram uma importante evolução no domínio temporal desta abadia na diocese de Antibes. Entretanto, as doações nesta diocese representam somente um quarto das aquisições de Lerins durante os abadados de Amauri e Adalberto I (1033-1038 e 1038-1064). O volume de doações na diocese vizinha de Frejus foi ainda maior. Isto significa que os monges possuíam um conjunto de relações independente da família de Grasse o que aumentava as possibilidades de ação do mosteiro.

Mas era importante para o mosteiro manter boas relações com a família de Grasse, pois ela dominava sozinha a região mais próxima geograficamente de Lerins. E verdade também que a expansão de Lerins acrescera sua importância social, e conseqüentemente a de todos que mantinham laços de amizade com o mosteiro.

Após a morte do bispo Adalberto I, a sede episcopal de Antibes é ocupada por seu sobrinho Godofredo I. Numa grande demonstração de sua influência, Guilherme Gaucerano, pai do novo bispo, reúne sua família e cerca de trinta testemunhas entre as quais, dois representantes da poderosa família de Fos, Gui e Pons<sup>26</sup>. Uma grande doação é feita a Lerins: a totalidade do *castrum* de Mougins. Esta cerimônia é uma oportunidade de mostrar à aristocracia provençal a benevolência da família de Grasse. Por outro lado, a família assegura ao mosteiro que apesar do desaparecimento do bispo Adalberto I, ela mantém suas relações cordiais com a abadia.

Um outro dado, porém, se soma a estas relações: desde 1067 o mosteiro possui um novo abade Adalberto II, que era parente da família<sup>27</sup>. É difícil saber se a ascensão do abade Adalberto II se deve a uma ação deliberada da família ou se se trata de uma simples coincidência. Ele pertenceria a um dos ramos caçulas, ou seria descendente de um membro feminino da família de Grasse.

As mulheres da família de Grasse foram casadas com cavaleiros da diocese de Antibes, como podemos verificar numa notícia do século XII sobre Vallauris<sup>28</sup>. Isto indica que a zona de influência da família de Grasse permanece restringida ao pequeno bispado de Antibes. A ausência de alianças matrimoniais com as mais importantes famílias provençais mostra que os Grasse pertencem a um nível inferior dentro do contexto aristocrático do condado da Provença.

Além da *conversio* de Guilherme Grueta, outros membros da família de Grasse, em gerações posteriores, foram monges de Lerins. O abade Adalberto II, embora não conheçamos sua

---

*sancti Michaelis antiquitus esse subjectam sancti Lyrinensi ecclesie et postea subtractam invidorum malignitate et pecunie cupiditate...*

<sup>25</sup>CL n° CCXXX

<sup>26</sup>CL n° XCVIII

<sup>27</sup>CL n° CI: *Ego Gaufredus, Antipolitane sedis episcopus, concedo Domino Deo et Beate Marie sanctoque Honorato...Lyrinensis insule patrono, ubi preest dominus Aldebertus abbas qui michi linea consanguinitatis adheret, ecclesiam sancte Marie de Grassa...*

<sup>28</sup>CL n° CXXXII

ascendência, deve ser, como outros, um rapaz que a família de Grasse destinara à vida monástica.

Ao contrário do que se poderia esperar, a elevação de um membro da família de Grasse à função abacial de Lerins não reforçou os elos entre a família e o mosteiro. Ao contrário, eles parecem sofrer uma sensível transformação. De um lado, verifica-se uma importante redução no número de doações da família à abadia. Por outro, o abade Adalberto II (1067-1112) prossegue a política de expansão temporal do mosteiro, que se tornara o principal concorrente da sua família no que concerne os poderes senhoriais na diocese de Antibes.

A quase total ausência de doações dos senhores de Antibes à abadia de Lerins mostra que eles não estavam mais dispostos a abandonar o que lhes restava. Um certo mal-estar entre as duas forças se revela na existência de dois juramentos transcritos em língua românica, um do bispo Godofredo I, e outro de seu irmão Raimbaldo<sup>29</sup>. Eles prometem nestes juramentos, não molestar os monges do priorado de Mougins e não tocar em sua honra, quer dizer, seus domínios e direitos senhoriais. Além disso, Raimbaldo estipula que ninguém receberia seu consentimento para usufruir de Mougins e que ele restituiria ao abade tudo que pudesse ser tirado ao mosteiro. Isto mostra que os monges de Lerins instalados em Mougins tiveram dificuldades e que o risco de agressões ao patrimônio permanecia. Em outros três juramentos pronunciados um por Oliveira, outro por Fulco - neto do bispo Adalberto I - e o terceiro por Guilherme, filho de Adila, promete-se não prejudicar o mosteiro e denunciar eventuais usurpadores de Santo Honorato<sup>30</sup>.

O abade Adalberto II conseguiu conter a tensão que surgia na medida em que a expansão do temporal do mosteiro se confrontava com os interesses da família da Grasse e seus fiéis. Os juramentos desvendam um pacto de não agressão, obtido talvez por causa do elo de parentesco que os unia. A devoção pelo mosteiro manifestou-se então por um compromisso de não violência. Foi a maneira que Adalberto II encontrara para manter ao lado do mosteiro os homens que poderiam eventualmente manifestar suas rivalidades contra a abadia.

A situação que já se tornara delicada durante o abadado de Adalberto II se deteriora no início do século XII, quando desaparece a terceira geração da família de Grasse, quer dizer, a dos bispos Godofredo I, Adalberto II e de Raimbaldo de Grasse. Já no final do século XI aparecem os primeiros sinais do enfraquecimento da família. Primeiro, a ausência de doações enquanto Lerins continua a receber dons de outras famílias notáveis da Provença. Segundo, a impossibilidade de continuar dominando o cargo episcopal de Antibes. Depois do desaparecimento do bispo Godofredo I após 1083, foi seu irmão Adalberto II que o sucedeu, mas de seu bispado não restou nenhum traço. A sucessão deste bispo foi muito confusa. A família de Grasse não conseguiu impor novamente um dos seus na direção da diocese. Foi então um monge excomungado de São Vitor de Marselha que se fez consagrar ilicitamente bispo de Antibes pelo arcebispo de Embrun<sup>31</sup>. A ordem retorna ao bispado por volta de 1113, quando encontramos o bispo Manfredo em Antibes.

A perda do cargo episcopal pela família de Grasse não vai sem consequências para Lerins.

<sup>29</sup>CL n° CCCLXIII e CCCXXXIX

<sup>30</sup>CL n° LXXV, CCCLV, LXXIX

<sup>31</sup>CL n° CCCXXXIV

Os bens que a abadia recebera dos bispos desta família, sobretudo as paróquias e os dízimos, começam a ser contestados e usurpados pelo bispo Manfredo. Este deseja restituir o temporal de seu episcopado, que havia sido dispersado por seus antecessores. O mesmo problema é enfrentado por Lerins contra os bispos de Frejus e de Riez.

Uma espécie de acordo foi decidido pelas partes e o bispo Manfredo restitui e confirma os bens e as igrejas de Lerins na diocese de Antibes<sup>32</sup>. São testemunhas deste ato, Raimbaldo de Grasse, seus filhos Beltrão e Raimundo, e os netos do bispo Adalberto I, Fulco Lombardo e Guilherme de Grasse. Com sua presença, os membros da família de Grasse ratificam as doações de seus ancestrais, pois os bens em questão Lerins possuía graças às doações da família.

Os conflitos entre o mosteiro e a família de Grasse começam logo após a morte de Raimbaldo de Grasse. O empobrecimento da família era flagrante. Além das doações à abadia de Lerins e as recompensas atribuídas a seus fiéis<sup>33</sup>, as divisões sucessivas do patrimônio entre os herdeiros, tornavam cada vez menor as possessões de cada membro.

Por outro lado, dentro da configuração social do primeiro quarto do século XII, o poder da família de Grasse é questionado pela ascensão social e independência crescente dos *milites* da diocese, anteriormente simples fiéis dos senhores de Antibes. E significativo o fato de que as únicas doações que a abadia de Lerins recebeu no século XII na diocese de Antibes foram feitas pelos cavaleiros que entraram na ordem monástica<sup>34</sup>.

Finalmente, o poder dos Grasse na região é solapado pela política de implantação da potência condal na região. Quando o condado da Provença passa sob a autoridade do conde de Barcelona depois de seu casamento com a condessa Dulce, o príncipe estrangeiro tem que se impor diante dos demais pretendentes à dignidade condal e submeter os grandes senhores provençais<sup>35</sup>. Uma das primeiras regiões visadas pelo conde Raimundo Berengario foi a Provença Oriental que durante o século XI permanecera bastante afastada do conde de Arles. Os Grasse vêem surgir na diocese de Antibes uma autoridade superior decidida a subjuga-los.

Neste contexto, os bens de Lerins aparecem como um meio dos membros da família de Grasse recuperarem parte do poder perdido. Nas usurpações, os Grasse sentem-se no direito de recuperar as possessões que num passado não muito remoto pertenceram aos seus ancestrais. Para se defender das violências cometidas por Fulco Lombardo e seu irmão Guilherme em Vallauris<sup>36</sup> e em Arluc<sup>37</sup>, e mais tarde pelo filho de Fulco Lombardo, Pedro de Mison<sup>38</sup>, assim que das agressões em Mougins de Guilherme e Godofredo de Reillane, netos de Guilherme Gaucerano<sup>39</sup>, e dos ataques

---

<sup>32</sup>CL n° CXXIX

<sup>33</sup>CL n° CXX

<sup>34</sup>CL n° LXXXV, LXXXII, LXXXVII, LXXXVIII, CX

<sup>35</sup>POLY, op. cit., 2a parte, cap. IV

<sup>36</sup>CL n° CCCXLIII e CXXXV

<sup>37</sup>CL n° CCXCIV, cf. AEA p. 63, n. 1

<sup>38</sup>CL n° CXXXVII

<sup>39</sup>CL n° CV

de Beltrão de Grasse em Cannes<sup>40</sup>, os monges de Lerins recorrem ao papa e ao conde de Barcelona e da Provença. Estes por meio de excomunhões e julgamentos procuram defender os direitos da Igreja regular, obrigando os violadores a se retratarem.

Apesar dos conflitos serem constantes entre a abadia e a família de Grasse durante a primeira metade do século XII, o papel espiritual da abadia continua a ser reconhecido. Em 1147, um filho de Beltrão de Grasse torna-se monge de Lerins e leva de volta ao mosteiro como oferenda, aquilo que seu pai usurpara tempos antes<sup>41</sup>. De sua parte, é o mosteiro que empresta o dinheiro para Fulco Lombardo partir para Jerusalém e mais tarde, para libertá-lo dos sarracenos. Bem ou mal, as duas partes mantiveram suas relações ativas durante muito tempo.

Embora o ideal monástico clunisiano, no qual Lerins se inspirava, fosse o abandono do mundo secular e uma vida voltada somente ao aperfeiçoamento do espírito, as comunidades monacais estiveram sempre envolvidas com o mundo profano. O papel que elas se atribuem de mediadoras entre o terreno e o celestial, e conseqüentemente de moralizadoras das condutas individuais, as mergulham num turbilhão de laços que se atam e desatam segundo a atitude de uns e de outros. A meio caminho do Céu, os mosteiros estão ainda sobre a Terra, e os monges que se querem anjos, ainda carregam o peso de um corpo. Eles são humanos e enriquecem-se em nome de Deus. E é este Deus que se sente agredido cada vez que um herdeiro empobrecido não hesita em usufruir dos bens dos monges. Lerins não foge à regra do combate pelo poder, quer seja o de Deus ou o dos homens, o mosteiro esta presente no seio da batalha.

Do outro lado, amigo e inimigo, um cavaleiro, por uma série de circunstâncias favoráveis, da origem a uma linhagem, medíocre é certo, mas que consegue dominar uma região durante mais de um século. Ao contrario do mosteiro, seus bens não se acumulam, eles se parcelam cada vez que uma filha se casa ou que um dos varões morre. Os Grasse estavam desde o inicio condenados a perder a proeminência na diocese de Antibes, apesar de buscarem nos bens do mosteiro de Lerins o que lhes começava a faltar em seu próprio quintal. Enquanto foi possível doou-se. E as doações vinham justificar social e moralmente o poder exercido e reparar a usurpação original de terras da Igreja. Mas agora contava menos a ira divina e o fogo do inferno que a possibilidade de recuperar o poder que aos poucos lhes escapava por entre os dedos.

Durante quase um século e meio a abadia de Lerins acumulou as atos, os juramentos, os acordos que a envolviam com esta família. Prova de que ambas as partes estiveram lado a lado, dentro do mesmo universo social, e cúmplices de tudo o que ele representava.

Eliana Magnani Soares  
Aix-en-Provence, Fevereiro 1991

---

<sup>40</sup>CL n° XCVII

<sup>41</sup>CL n° CIV